



FONTE: AGENCIA DE NOTÍCIAS DO GRUPO FOLHA

## **Gonzalo Vecina Neto**

*SUPERINTENDENTE CORPORATIVO DO HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS E EX-DIRETOR DA  
AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA)*

# “Está no tempo de fazer diferente o que é diferente”

*A assistência no Brasil é realizada pelo SUS  
(Sistema Único de Saúde) e pelos planos  
privados, a chamada saúde suplementar,  
mas não há integração entre os sistemas,  
diz Vecina*

“O Estado brasileiro precisa reformar o seu equipamento gerencial. O mundo passou por profundas transforma-

ções nos últimos 20 anos por causa do processo neoliberal da economia, no qual o Estado se retira cada vez mais de uma série de áreas, transferindo a gestão para a iniciativa privada, e passa a exercer uma atividade mais regulatória, de garantir a entrega. E o País precisa avançar mais nesse processo. O Estado é necessariamente muito isonômico, o que é um desastre na operação de instituições que têm que ter resultados. Está no tempo de fazer diferente o que é diferente. Está no tempo ser contemporâneo. Por isso, um grande desafio é a gestão. E não é só a da saúde, é de toda a sociedade.

Existe também problema de financiamento. Se fizer uma comparação hoje entre o gasto per capita do setor público e o da iniciativa privada, o público não alcança a metade do gasto privado. Faltam recursos e é preciso discutir formas de aumentar esse financiamento, o que é um papel do Congresso, que tem de oferecer soluções para os grandes problemas do País. A Emenda Constitucional 29, parada na Câmara há anos, tem que ser regulamentada. O Brasil tem também muitos subsídios cruzados que geram desigualdade. A sociedade brasileira está cheia de bondades, que precisam ser discutidas e reavaliadas, como as deduções no Imposto de Renda dos gastos com planos de saúde.

A assistência no Brasil é realizada pelo SUS (Sistema Único de Saúde) e pelos planos privados, a chamada saúde suplementar, mas não há integração entre os sistemas. Um exemplo de como se ignoram é o das cidades da região do ABC paulista, onde a cobertura de planos de saúde atinge uma média de 70% da população. Segundo as normas vigentes, as secretarias municipais de saúde têm de cobrir 100% da população, se dinheiro houvesse. Mas nessas cidades 70% têm plano de saúde e isso é ignorado olímpicamente. É preciso repensar o Sistema. Se uma população pode comprar assistência médica, como fazer para isso ter um mínimo de integração ao esforço que a sociedade faz para dar cobertura ao restante que não tem plano? Não dá mais para olhar para o setor privado como se ele oferecesse apenas sofisticação e ausência de fila.

O País precisa também criar sistemas de regulação de acesso à saúde, com agendamentos corretos e atendimento rápido, o que não ocorre hoje na maioria dos serviços. Todos os sistemas de saúde do mundo têm filas, mas elas precisam ser razoáveis e democráticas. Não tem cabimento a demora no atendimento, que pode ultrapasar

um ano. A área de transplantes consegue organizar filas absolutamente democráticas. São Paulo não tem mais fila para fazer transplante de córnea. Isso é fruto da capacidade de gerenciamento e pode servir de exemplo para outros setores. É possível ser mais eficaz e eficiente. Basta ver o que o País fez na área de tratamento de Aids, imunização, entre outras. São bons exemplos que podem ser universalizados.

Estima-se que 8% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro seja gerado no espaço da saúde, entre prestação de serviços e produção industrial de medicamentos e de produtos para a área. Esse dado mostra a relevância econômica do setor. Mas a balança comercial nessa área é muito desequilibrada. O País precisa induzir, utilizando os diversos instrumentos do Estado, a produção de conhecimento, tecnologia, inovação e o desenvolvimento de produtos. Na ciência, na geração de conhecimento, está mais avançado. Mas está atrasado na transformação da ciência em algo utilizável, que é a tecnologia, e em produtos, que é a inovação. É preciso mover o setor privado a incorporar capacidade de produção de tecnologia e inovação. O setor privado tem que absorver gente com capacidade de fazer isso, criar centros de inovação, tem que ter doutores e aplicar em riscos. E é no gerenciamento desse risco que o setor público tem que usar de forma mais abusada a sua capacidade indutiva.”